

ESCREVER PARA ESPERAR A MORTE: O ÚLTIMO LOUIS-RENÉ DES FORÊTS

Leila de Aguiar COSTA*

■ **RESUMO:** *Pas à pas jusqu'au dernier* é um texto póstumo, publicado em 2001, do quase secreto e discreto Louis-René des Forêts. Nesse texto, com ares de autorretrato – do qual, entretanto, parece estar ausente o “Eu” autoral, substituído pelo *neutro* barthesiano e blanchotiano –, a narrativa fragmentária é assumida por um sujeito quase indefinido à espera da morte: ali se encenam figuras físicas e discursivas que se põem a refletir sobre o momento derradeiro. Um corpo de ancião e um corpo de linguagem entram, então, em diálogo, e em conflito, a fim de adiar o evento que a todos acomete: o instante de “nossa” morte.

■ **PALAVRAS-CHAVE:** Louis-René des Forêts. Escritura. Morte. Subjectividade(s).

“Építape. – Celui qu'on dit gisant là-dessous, ce n'est pas avec des mots mais avec leur perte qu'il eût voulu se tenir dans l'attente de l'échéance fatale. Or, comme pour tout un chacun, non moins difficile que de vivre en repos est d'apprendre à mourir, lamentations, rages, cris d'effroi furent jusqu'au dernier soufflé son lot quotidien.”

Louis-René des Forêts (1997, p. 198)^{1,2}.

Em 30 de dezembro de 2000, morre Louis-René des Forêts. Aquele secreto Louis-René des Forêts, cuja obra, composta tão somente de dez títulos, ganha visibilidade apenas em 1997, com a publicação de *Ostinato*. Entretanto, é fato que de Georges Bataille a Pascal Quignard, passando por Maurice Blanchot, Michel Leiris e Yves Bonnefoy – nomes incontestáveis das letras contemporâneas

* UNIFESP – Universidade Federal de São Paulo. Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Departamento de Letras. Guarulhos – SP – Brasil. 07111-080 – leila.aguiar@unifesp.br

¹ “Építáfio. – Aquele que é dito jazer lá debaixo, não é com palavras, mas com a perda delas, que ele teria desejado se manter à espera do prazo fatal. Ora, como para todos, não é menos difícil viver em repouso do que aprender a morrer, lamentações, iras, gritos de terror foram até o último sopro sua sina cotidiana.”

² As traduções de extratos de obras de Louis-René des Forêts que figuram neste artigo são todas de minha autoria.

francesas às voltas com o malogro da linguagem –, sua obra gozava, junto a um círculo fechado, para não se dizer íntimo, de forte prestígio. Mas, apesar disso, presenciamos um sempre secreto Louis-René des Forêts que, cuidadosamente, busca apagar quaisquer traços biográficos. Apesar disso, Pascal Quignard (2005), o mais jovem de seus herdeiros literários, em texto não por acaso intitulado *Le voeu de silence: essai sur Louis-René des Forêts*, parece ter conseguido traçar um fiel retrato desse escritor silencioso: “*Il eut la vision d’un dépouillement qui faisait appel à toutes les richesses de la rhétorique afin d’en produire aux yeux du lecteur la destruction du langage. Le langage n’est pas notre patrie.*”³

Se “a linguagem não é nossa pátria”, qual então seria a pátria da literatura? A epígrafe – que serve aqui de moldura – apontaria para uma resposta possível e provável: em Louis-René des Forêts, trata-se de um perpétuo embate contra a falência do discurso literário, contra a impossibilidade de triunfo da linguagem sobre a morte. O que se reserva àquele que escreve, à voz que busca contar seu passado (de que natureza, aliás?), mas que se sabe ser, simplesmente, Epitáfio, é tão somente tarefa mergulhada nas “águas turvas da logorréia” (DES FORÊTS, 2001, p. 38). Não por acaso *Pas à pas jusqu’au dernier*, último texto de Des Forêts, revisto pouco antes de sua morte e publicado postumamente, em 2001, abre-se precisamente sobre tal deperdição: “*Dire et redire encore, redire autant de fois que la redite s’impose, tel est notre devoir qui use le meilleur de nos forces et ne prend fin qu’avec elles.*” (DES FORÊTS, 2001, p. 9)⁴.

“Dizer e redizer” infletem à narrativa de *Pas à pas jusqu’au dernier* seu modo mesmo de apresentação enunciativa: esse texto é formado de fragmentos de extensões diversas, passos e mais passos, numerosos passos dados ao longo desse percurso que tem a morte diante de si, morte que a todos enreda. Pois a vida não seria, como diz Des Forêts (1997, p. 196), senão jogar-se “[...] nos braços da morte como uma mosca presa na armadilha da teia de aranha.”

A linguagem é essa tela de aranha que a todos aprisiona. E que impõe àquele que escreve a obstinada e impotente tarefa de duelar, para sempre perder, a cada passo empreendido, com a morte. *Pas à pas jusqu’au dernier* encena tal desejo. Pela última vez – e as marcas disseminadas ao longo do texto insistem nesse último, a voz que ali se pronuncia o faz pela última vez. No curso de uma vida que caminha sem piedade para a morte, trata-se de despistá-la para quiçá compreendê-la e aceitá-la. O duelo dá-se no cerne mesmo do discurso – ou, graças a ele, faz-se quase possível. Por isso mesmo, não surpreende o fato de que o sujeito da escritura

³ “Ele teve a visão de um despojamento que invocava por todas as riquezas da retórica a fim de produzir aos olhos do leitor a destruição da linguagem. A linguagem não é nossa pátria.” (QUIGNARD, 2005, tradução nossa).

⁴ “Dizer e ainda redizer, redizer quantas vezes a repetição se impõe, eis nosso dever que acaba com o melhor de nossas forças e que não tem fim senão com elas.”

deambule pelos pronomes pessoais eu/je, tu/tu-ti/te ele/il/lui, nós/nous, on⁵. Essa distância de certo modo física entre o ato mesmo de narração e seu sujeito narrante é, entretanto, comandada pela figura de um “velho sentencioso que caminha para seu fim” (DES FORÊTS, 1997, p. 201), que não abre mão da

[...] *prétention exorbitante que cherche à capter et s'approprier l'insaisissable*
[...] *Nul ne peut espérer par sa pratique assidue se défendre contre la mort,*
bien que chez l'être le plus clairvoyant perdure le désir jamais assouvi d'une
transcendance, autre chimère de l'orgueil. (DES FORÊTS, 1997, p. 202)⁶.

É precisamente esse ancião que assombra as páginas de *Pas à pas jusqu'au dernier*, esse texto de natureza autobiográfica que hesita paradoxalmente – à semelhança de outros textos, como *Ostinato* – a falar de si na primeira pessoa. Importa, aliás, assinalar que é o próprio Des Forêts (2003b, p. 33) quem afirma que

Le je qui parle dans mes récits n'est pas une voix personnelle: non seulement
il ne cesse de mettre en doute la véracité de ce qu'il dit, mais il va parfois [...]
jusqu'à se nier en tant que personne dotée d'un statut particulier.

Presque toujours ambigu, le je est l'objet de toutes les contestations [...] *C'est le*
pronom désigné pour toutes les mystifications [...] *Le il n'est ambigu que lorsqu'il*
est utilisé comme procédé pour entretenir la confusion sur le personnage qu'il
*désigne*⁷.

Importa, assim, se interrogar: quem fala nas narrativas autobiográficas de Louis-René des Forêts? Responderia ela, quiçá, ao que Maurice Blanchot (2010) entende pelo “neutro” e por “escritura do neutro” em *Entretien infini*? Pois que ao se percorrer as páginas do derradeiro texto desforêtiano, impõe-se o jogo incerto dos pronomes pessoais, em suas diversas declinações: entre o “notre” do primeiro parágrafo e o “on” do último, a narrativa que ali se lê parece esforçar-se para apagar toda definição pronominal: mais do que voz da qual se ausenta a pessoa,

⁵ *On* é pronome pessoal indefinido, sem tradução para a língua portuguesa – entenda-se *on* como uma partícula impessoal que despersonaliza toda marca subjetiva na linguagem.

⁶ “Pretensão exorbitante buscada pelo inapreensível, que tenta dela se apropriar [...]. Ninguém pode esperar graças à sua prática assídua defender-se contra a morte, embora junto ao ser mais clarividente perdure o desejo jamais esgotado de uma transcendência, outra quimera do orgulho.”

⁷ “O eu que fala em minhas narrativas não é uma voz pessoal: não somente ele incessantemente põe em dúvida a veracidade do que diz como, por vezes, chega [...] mesmo a negar-se enquanto pessoa dotada de um estatuto particular.

Quase sempre ambíguo, o *eu* é o objeto de todas as contestações [...] É o pronome designado para todas as mistificações [...] O *ele* não é ambíguo senão quando é utilizado como procedimento para entreter a confusão sobre a personagem que designa.”

em *Pas à pas jusqu'au dernier* o que se reconhece é a confusão entre as *personae* verbais ou, hipótese bastante possível, certa expansão da própria personalidade.

Talvez por isso mesmo ali se descubra, em *mise en abyme*, observações esparsas, de natureza analítico-reflexiva, sobre a autoria da voz escritural. Reflexões que, de certa maneira, podem ser consideradas paradoxais: Louis-René des Forêts, cuja obra foi frequentada por diversas gerações de leitores e de escritores e teria influenciado boa parte da literatura francesa de seu e de nosso tempo – como se lê em nota editorial que abre o volume de *Pas à pas* (DES FORÊTS, 2001, p. 7) –, parece experimentar grande desconforto no que diz respeito aos modos escriturais que buscam encenar um sujeito. No cerne de seu mal-estar, justamente na questão da im-pessoalidade, da des-personalização e do neutro. Desse neutro que, segundo a definição de Roland Barthes (2003, p. 149), é “[...] a vacância da ‘pessoa’, se não anulada, pelo menos tornada ilocalizável.” Para Maurice Blanchot (2010, p. 148) – amigo e um dos mais importantes interlocutores de Des Forêts – não há dúvida de que

[...] narrar põe em jogo o neutro. A narração que rege o neutro se mantém sob a custódia do “ele”, terceira pessoa que não é uma terceira pessoa, nem tampouco o simples abrigo da impessoalidade. O “ele” da narração em que fala o neutro não se contenta em ocupar o lugar que em geral ocupa o sujeito, quer este seja um “eu” declarado ou implícito ou que seja o acontecimento tal como se dá em sua significação impessoal. O “ele” narrativo destitui todo sujeito, assim como desapropria toda ação transitiva ou toda possibilidade objetiva.

É inegável que o “ele”, em Des Forêts, é uma das marcas pronominais mais recorrentes – não é, precisamente, Des Forêts que resolve, pelo emprego do pronome pessoal na terceira pessoa do singular, a célebre náusea causada a Stendhal pela procissão infindável dos “*Je*” e dos “*Moi*” em *Souvenirs d'égotisme* e *Vie de Henri Brulard*? É ainda fato que a perda do *ego* é garantia das possibilidades de contato com o outro e com o mundo – a voz neutra asseguraria o melhor trânsito entre o Eu, o Outro e o Mundo. O “Eu”, diz o próprio Des Forêts (2001, p. 79), figura como um “intruso”, como “testemunha indiscreta”. Entretanto, entre o “neutro” e o “ele”, inscreve-se certa perturbação pronominal: *Pas à pas jusqu'au dernier* põe constantemente em xeque o movimento dessa escrita de si dedicada a “[...] consertar, graças a uma despersonalização de todo ser, suas forças que diminuem.” (DES FORÊTS, 2001, p. 79). Movimento de despersonalização inquietado e assombrado pelo malogro:

Le moi réduit ici à l'état de fragments, parlant sur un mode aussi impersonnel qu'il se peut, mais il ne se peut guère si ce n'est pas du tout, car comment espérer, par une prétention insensée, se désapproprier de soi, parvenir à délier

de noeud solide qui tient chacun prisonnier de son être propre, s'efforcerait-on de le dissimuler sous une neutralité qui ne soit pas seulement de façade? (DES FORÊTS, 2001, p. 119)⁸.

“Eu” fragmentado que é “eu/moi” e “ele/lui” – certamente outro também –, transformado em “figura metafórica”, figura de

[...] moi-même en un mot, désigné tout au long du parcours par la troisième personne, avec volonté d’effacement sans doute, mais où il ne faut pas voir seulement un procédé commode, de camouflage cousu de fil blanc, quand c’est la méconnaissance de notre singularité propre qui nous impose pour ainsi dire cette désignation grammaticale applicable à tout être en perpétuelle mutation, aux identités multiples, selon les impulsions qui prédominent en lui, comme aussi bien celles qui leur résistent. (DES FORÊTS, 2001, p. 124)⁹.

Movimento de despersonalização revestido de ares, se não ilusórios, ao menos falaciosos – e a voz que se ouve em *Pas à pas jusqu’au dernier* parece dialogar com a interpelação derradeira do narrador-tagarela de *Le bavard*: “Eu minto!” (DES FORÊTS, 1973, p.76) –: “Celui qui clame sa haine du langage est un imposteur, au mieux, un pitre professionnel jouant de la contradiction pour produire, par son incongruité même, un effet comique.” (DES FORÊTS, 2001, p. 118)¹⁰.

Seja como for, encena-se aqui um teatro: do paradoxo, da contradição, do incongruente e, sobretudo, da discórdia. Mas não de uma discórdia qualquer. A questão do dizer, do se dizer e de in-formar – não se pode esquecer que *Pas à pas jusqu’au dernier* é escrita fragmentária que pretende dar conta de certa subjetividade – é representada no “[...] teatro desta discórdia íntima [onde] se joga e se desenvolve – por vezes ironicamente – o tormento de ser às voltas consigo mesmo.” (DES FORÊTS, 1973, p. 113). Teatro cujo protagonista é esse ser que não

⁸ “O eu reduzido aqui ao estado de fragmentos, falando em um modo tão impessoal quanto possível, sem que isso seja possível se não for por completo, pois como esperar, graças a uma pretensão insensata, desapropriar-se de si, lograr soltar o nó sólido que mantém cada qual prisioneiro de seu próprio ser, esforçar-nos-íamos para dissimulá-lo sob uma neutralidade que não seja apenas de fachada?”

⁹ “[...] **eu mesmo**, em uma palavra, designado ao longo de todo percurso pela terceira pessoa, quiçá com vontade de apagamento, mas onde não se deve ver apenas um procedimento cômodo, de camuflagem costurada com fio branco, quando é o desconhecimento de nossa singularidade própria que nos impõe, por assim dizer, esta designação gramatical aplicável a todo ser em perpétua mutação, às identidades múltiplas, segundo os impulsos que nele predominam, assim como aqueles que a ele resistem.”

¹⁰ “Aquele que clama sua ira da linguagem é um impostor ou, no melhor dos casos, um péssimo profissional que joga com as contradições para produzir, em razão de sua própria incongruidade, um efeito cômico.”

se sente à vontade em lugar algum, esse ser que buscou “tornar-se completamente outro que ele mesmo” e que se dedicou à “desistência de si” (DES FORÊTS, 1973, p. 62) e que, talvez por isso mesmo, em seu momento final, é “[...] *esprit débousolé qui, sur le point de sombrer [...], trouve prétexte, peu avant la chute du rideau, à rire ouvertement de la comédie qu’il se joue.*” (DES FORÊTS, 1973, p. 67)¹¹.

No final das contas, o que se põe em cena é a figura de um fantasma, de um espectro, que se forma graças ao in-forme do não-ser. Nesse sentido, a marcar as reflexões desforêtianas sobre a vacância do sujeito, aquilo que parece ser quase um axioma nesse texto-limite: percurso inexorável e comum a todos – todo sujeito tornar-se-á um “inconcebível não-ser”, que não é nem essência nem transcendência, mas apenas *locus* – “[...] *rien ne reste en l’état, tout est temporaire, hormis cet inconcevable non-être où nous allons devoir contre notre gré retourner pour l’éternité.*” (DES FORÊTS, 2001, p. 15)¹².

Locus que é “fundo da grande noite intemporal” (DES FORÊTS, 2001, p. 17). E que, por isso mesmo, transmuda todo exercício de rememoração em pena perdida: os sujeitos sem Sujeito de *Pas à pas jusqu’au dernier* sabem perfeitamente que o que se tem diante de si é im-memorável. E vale aqui lembrar que *immemorabilis*, em sua forma adjetiva, é, no sentido primeiro do termo, o que não merece ser relatado; no segundo sentido, o que não tem memória; e, no terceiro, tudo o que é indizível ou inenarrável. Não é precisamente a tais registros semânticos que faz alusão *Face à l’immémorable*, texto de 1993 que ecoa no texto póstumo de 2001? Toda memória é precária. Tanto mais a memória escritural que “[...] *ne laissera rien derrière elle, sinon peut-être, dans le meilleur des cas, quelques traces écrites à peine plus durables.*” (DES FORÊTS, 2001, p. 16)¹³.

Traços, ao menos, donde a empresa, infrutífera, é verdade, em *Pas à pas jusqu’au dernier* parece se entregar a certa hecatombe de palavras. É o que, inclusive, se desenha da 1ª à 128ª página dessa breve e estranha escrita de si que sabe o quanto a tentativa de reavivar a memória para contornar seu esquecimento – pois que, com a morte, advém o silêncio intemporal, e a morte é sempre silêncio – está dedicada ao fracasso. Mesmo assim, a verborragia é estratégia para se suportar a dor e a enfermidade. Escritura e palavras têm valor terapêutico – possuem certa “[...] virtude tranquilizadora; aquele que dela tomou experimenta-a como uma libertação.” (DES FORÊTS, 2001, p. 22). São, por isso mesmo, terapia para um corpo cada vez mais em fragmentos, cada vez mais decrépito.

¹¹ “[...] espírito desorientado que, a ponto de soçobrar [...], encontra pretexto, pouco antes de a cortina baixar, para rir abertamente da comédia que ele interpreta para si mesmo.”

¹² “[...] nada permanece em estado, tudo é temporário, com exceção deste inconcebível não-ser para onde devermos contra nossa vontade regressar por toda a eternidade.”

¹³ “[...] não deixará nada atrás de si, talvez quiçá, no melhor dos casos, senão alguns traços escritos um pouco mais duráveis.”

Importa assinalar que, a partir de certo momento da narrativa, *Pas à pas jusqu'au dernier* entrega-se sem pudor à revelação de um corpo em deperdição, rumo ao fim. Em *Poèmes de Samuel Wood*, a voz homônima afirmara: “Tudo o que fala é feito de carne mortal” (DES FORÊTS, 1988, p. 29). Ora, essa carne mortal é corpo que sofre, corpo em dor, e, quase sempre, corpo passional – no sentido primeiro do termo, isto é, aquele sobre o qual a dor se obstina. E é precisamente esse corpo, do qual se (d)escreve o sofrimento, que é lugar de todas as vozes, de todos os sujeitos que ali falam – e é o corpo, diga-se de passagem, que distingue os sujeitos. Esse corpo, ainda, projeta todo(s) o(s) sujeito(s) em uma perda intemporal, perda de tudo. Eis porque o sofrimento do corpo não pode deixar de ser acompanhado, em Louis-René des Forêts, do terror: à degradação do corpo seguir-se-ia a afonia. Que importa igualmente combater uma vez que a afonia aponta para a ruptura total e inexorável: do corpo, da voz, da linguagem e da escritura. Não é precisamente o que diz o fragmento de meio de percurso de *Pas à pas*?

Pause, reprise, pause et reprise à nouveau, stase panique, amorce de reprise hoquetante, ultimes sobresauts de la machine grippé, arrêt sans reprise cette fois. Tête vide, yeux clos, bouche cousue, sommeil souterrain ad infinitum, dépouille en décomposition, soustraite au regard des vivants. Un point, c'est tout. (DES FORÊTS, 2001, p. 40)¹⁴.

Eis, então, que aquele sujeito indefinido que narra tal perda e tal ruptura dá visibilidade, quase à maneira de um anatomista, ao corpo e ao corpo em dor. Inicialmente, um corpo que se vê só – e assinale-se a relevância do emprego do dêitico “*aí está/voilà*” e do tempo verbal do presente do indicativo que fazem da dor, do sofrimento e da morte iminente uma realidade: “*Le voilà seul à présent avec lui-même, comme abandonné dans la nuit, sachant que là-bas au bout du chemin où ne brille plus le soleil, apparaîtra sous peu la face pâle et menaçante de la mort.*” (DES FORÊTS, 2001, p. 47)¹⁵.

Descobre-se, em seguida, um “corpo prostrado” (DES FORÊTS, 2001, p. 78), que mais adiante não é senão “sombra curvada com movimentos hesitantes” (DES FORÊTS, 2001, p. 93). A degradação do corpo, narrada e descrita no presente, declina-se em suas partes: “súbita câimbra na mão direita”, “o joelho esquerdo vacila”, “a queda irresistível”, “o crânio um pouco ensanguentado” (DES FORÊTS, 2001, p. 98-99). Falência que se inicia pela mão que escreve – e a câimbra o impede

¹⁴ “Pausa, retomada, pausa e retomada novamente, terror pânico, esboço de retomada soluçante, derradeiros sobressaltos da máquina emperrada, parada sem retomada desta vez. Cabeça vazia, olhos fechados, boca costurada, sono subterrâneo *ad infinitum*, despojos em decomposição, subtraída ao olhar dos vivos. Um ponto, é tudo.”

¹⁵ “Ei-lo só agora consigo mesmo, como que abandonado na noite, sabendo que lá, ao final do caminho onde não mais brilha o sol, logo aparecerá a face pálida e ameaçadora da morte.”

de escrever de modo legível e, por isso mesmo, de fazer da escritura um “antídoto” contra a enfermidade (DES FORÊTS, 2001, p. 94) – que culmina com uma queda que, não por acaso, faz a cabeça sangrar. Ao desconhecido narrador que assiste ao sofrimento – de si ou de outro – de concluir:

Misère du corps, misère de l'esprit [...], la lente mais inexorable régression de ses facultés physiques et mentales, contre quoi il ne peut rien, pas même, telle est sa faiblesse, les garder secrètes, à l'abri des regards, comme un lépreux se voile le visage. (DES FORÊTS, 2001, p. 95-96)¹⁶.

Se esse corpo decadente perdeu toda vitalidade, resta(m)-lhe, porém, sua(s) voz(es). Do corpo físico cujo “fluxo vital está em vias de esgotamento” (DES FORÊTS, 2001, p. 80), “corpo refratário aos cuidados médicos” (DES FORÊTS, 2001, p. 111), toma o lugar a superabundância verbal que se investe de poder salvador:

Si cette profusion verbale a un sens, c'est d'atténuer le tourment de l'être sur sa fin, auquel même un radotage discoureur semble préférable à la passivité du non-dire, que seuls justifieraient une douleur suffocante ou l'essoufflement du grand âge. Les hurlements, les râles sont toutefois un mode d'expression, la manifestation animale de l'organisme qui se défend comme il peut. (DES FORÊTS, 2001, p. 75)¹⁷.

Desses gritos, desses resmungos, a voz ocupa-se em emitir seus sons e dar-lhe acolhida. Pois a voz, justamente, tem tudo de uma respiração. O corpo está quase morto, mas ele ainda respira, prolongando a vida:

Ne plus appeler au langage, comment le pourrait-il de son plein gré, lui qui n'a d'autre point d'appui que sa voix plaintive, laquelle, altérée par les maux du viel âge et la crainte du trépas, n'en demeure pas moins la sienne, son unique recours, sa dernière tentative de survie. (DES FORÊTS, 2001, p. 97)¹⁸.

¹⁶ “Miséria do corpo, miséria do espírito [...], a lenta mas inexorável regressão de suas faculdades físicas e mentais, contra o que ele nada pode, nem mesmo, tamanha é sua fraqueza, mantê-las secretas, ao abrigo dos olhares, como um leproso que cobre seu rosto.”

¹⁷ “Se este profusão verbal tem um sentido é o de atenuar o tormento do ser próximo a seu fim, ao qual até mesmo uma patacoada falastrona parece preferível à passividade do não-dizer, justificáveis apenas por causa de uma dor sufocante ou da sufocação da idade avançada. Os gritos, as reclamações são entretanto um modo de expressão, a manifestação animal do organismo que se defende como pode.”

¹⁸ “Não mais pedir ajuda à linguagem, como ele poderia de bom grado, ele que não tem outro ponto de apoio senão sua voz queixosa, voz que, alterada pelos males da velha idade e pelo temor do trespasse, não deixa de ser sua, seu único recurso, sua última tentativa de sobrevivência.”

Voz a gritar que não hesitará em implorar: “Deixem-me, suplico, deixem-me um momento respirar uma última vez!” (DES FORÊTS, 2001, p. 31). O que se passa aqui é um movimento inequívoco de um sujeito que, em seu esforço de “lutar contra a asfixia que o ameaça” (DES FORÊTS, 2001, p. 40), busca reavivar, ou por ela chamar, a presença. De certo modo, a respiração é marca de um corpo ainda em ação, é força que teima em permanecer. É, pois, graças a ela que o sujeito deixaria de morrer, subtrair-se-ia ao tempo. Respirar é entrar em diapásão com o mundo vivente, é respirar com ele. Mesmo que a esperança seja ilusória:

Assis dehors dans un fauteil d'osier, il se tient penché en avant à observer de près les papillons et les guêpes voler de fleur en fleur, les fourmis et les lézards se frayer un chemin dans la pelouse qui est, à leur échelle, comme une forêt vierge. La contemplation de ces vaillantes petites créatures en activité incessante lui fait venir les larmes aux yeux, soit par compassion sénile envers lui-même contraint désormais à l'inaction, soit par émotivité devant ce théâtre en miniature de la vie saisonnière où, pour sa part, il n'est animé que par l'absence de tout espoir. (DES FORÊTS, 2001, p. 101)¹⁹.

Diga-se, por fim, que a logorréia a que ali se entrega(m) o(s) sujeito(s) asseguraria à expressão, em contato com o fim iminente, poder de verdade que, até então, não se alcançara. Como se pensa Yves Bonnefoy (1992, p. 126) em seu ensaio sobre Louis-René des Forêts, a escritura fosse mais verdadeira que a palavra, pois as marcas deixadas pela primeira não apenas iluminariam e aproximariam todo o passado, como o reavivariam e o tornariam presente experimentado que escapou do “[...] poder corruptor do tempo e que assumiu valor de eternidade.” (DES FORÊTS, 2001, p. 16). Escrever para tentar permanecer no presente, escrever sem cessar para tentar adiar a morte:

[...] les mots ne s'enchaînent aux mots qu'afin de faire obstruction à la redoutable pensée de la mort — ou qu'en toute conscience de leur inefficacité on adopte une attitude passive et se taise, comme si le sort en était déjà jeté, ce qu'il est à l'évidence, ce qu'il fut dès l'abord, ne s'en aviserait-on que sur le tard. Et cependant, bien que le verdict soit sans appel, quelque chose qui est la vie fait

¹⁹ “Sentado lá fora em uma poltrona de vime, ele mantém-se curvado para frente, observando de perto as borboletas e as abelhas voarem de flor em flor, as formigas e as lagartixas abrirem caminho na grama que, na escala deles, é como uma floresta virgem. A contemplação destas valentes pequenas criaturas em atividade incessante lhe faz virem lágrimas aos olhos, seja por compaixão senil em relação a ele mesmo, obrigado doravante à inação, seja por emotividade diante deste teatro em miniatura da vida sazonal onde, por sua vez, não há animação senão pela ausência de toda esperança.”

qu'on refuse de s'y soumettre, préférant se leurrer avec des mots plutôt que s'en aller hors du monde rejoindre docilement l'immense peuple endormi, à jamais invisible et silencieux des morts. (DES FORÊTS, 2001, p. 65)²⁰.

Permanecer no mundo graças à escritura é buscar “construir para si um mundo vivível” (DES FORÊTS, 2001, p. 123). É tentar permanecer na pura visibilidade, no registro daquilo que ainda é visto. Recorrer por isso mesmo às palavras é, igualmente, permanecer no registro daquilo que ainda é ouvido. Escritura e palavra são o que garantem a presença – ou a ilusão da presença, pois que privada de ser, fantasmática – e que adiam... a morte. Escritura e palavra que oferecem ao corpo moribundo daquele que escreve salvação que, no fim das contas, passa pelo poético. Em *Face à l'immémorable*, decreta-se claramente qual é, afinal, a tarefa da linguagem:

Perpétuer, du moins pour un temps, ce que la mort s'apprête à réduire en poussière, tel est parmi d'autres le rôle du langage. Il agit comme un filtre en ce qu'il ne laisse passer que ce qui répond à sa demande [...], c'est à lui seul qu'il incombe d'insufler la vie aux événements révolus et selon un mode qu'on appellera, faute de mieux, poétique. (DES FORÊTS, 2003a, p. 16)²¹.

Conclusivo passo

Lê-se em metade do caminho narrado:

Allons, réveille-toi, secoue ta vieille carcasse et debout sans tarder, sinon prends garde de te rendormir cette fois pour de bon; enfoui dès lors, claustré dans une nuit perpétuelle, comme il t'advient fatalement, mais évite autant faire que se peut d'en hâter l'échéance par apathie ou volonté insidieuse de perdition, ne sois pas le fossoyeur de toi-même [...] Il reste beaucoup à faire pour prendre repos et, ne saurais-tu quoi au juste, ni par où commencer, de cette ignorance même

²⁰ “[...] as palavras não se seguem às palavras senão a fim de fazer obstrução ao temível pensamento da morte — ou porque em toda consciência de sua ineficácia adota-se uma atitude passiva e se cala, como um sortilégio que já tivesse sido lançado, o que ele evidentemente é, o que ele foi desde o início, mesmo que disto se aperceba muito tarde. E, no entanto, embora o veredito não aceite apelação, alguma coisa que é a vida faz com que nos recusemos a ela nos submetemos, preferindo nos enganar com palavras mais do que ir fora do mundo encontrar docilmente o imenso povo adormecido, para sempre invisível e silencioso dos mortos.”

²¹ “Perpetuar, ao menos por um tempo, o que a morte está prestes a reduzir a poeira, tal é entre outras a função da linguagem. Ela age como um filtro pelo qual não deixa passar senão o que responde a seu pedido [...], é somente a ele que incumbe de insuflar a vida aos acontecimentos passados e segundo um modo que se chamará, por falta de coisa melhor, poético.”

tu tireras la force d'agir [...] Mets fin à tout cela et ressaisis-toi, si seulement il en est encore temps. (DES FORÊTS, 2001, p. 57-58)²².

A injunção, evidente, a um “tu/tu”, é paradigmática de tudo quanto até aqui se disse sobre os jogos equívocos empreendidos pela linguagem para se esperar a morte. O convite à tagarelice que, lembre-se, abre a narrativa em *Pas à pas jusqu'au dernier*, é aqui reforçado por essa interpelação à ação e ao controle de si que assegurariam ainda ao sujeito a capacidade de não jogar segundo as regras da morte, tanto mais que o sujeito desforêtiano parece ter a “[...] convicção inabalável que se acalmar, mostrar-se submisso à razão é entrar no jogo da morte.” (DES FORÊTS, 2003a, p. 41).

COSTA, L. A. Writing to wait for the death: the last Louis-René des Forêts. *Itinerários*, Araraquara, n. 41, p. 305-316, jul./dez. 2015.

■ **ABSTRACT:** *Pas à pas jusqu'au dernier is a posthumous text, published in 2001, by the almost secret and discreet Louis-René des Forêts. In this text with an air of self-portrait – from where, however, seems to be absent the “I” of the author, replaced by the barthesian and blanchotian neutral –, a fragmentary narrative is taken up by an almost indefinite subject waiting for death: there is represented physical and discursive figures reflecting on their last moment. So an elder body and the body of language enter into dialogue and conflict in order to postpone the moment that affects everyone: the moment of “our” death.*

■ **KEYWORDS:** *Louis-René des Forêts. Writing. Death. Subjectivity(s).*

REFERÊNCIAS

BARTHES, R. **Roland Barthes por Roland Barthes**. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

BLANCHOT, M. **A conversa infinita: a ausência do livro**. São Paulo: Escuta, 2010.

BONNEFOY, Y. Une écriture de notre temps. In: _____. **La verite de parole et autres essais**. Paris: Mercure de France, 1992. p. 123-279.

²² “Vamos, acorde, sacode sua velha carcaça e fique de pé sem tardar, senão fique atento para não voltar a dormir, esta vez para sempre; enterrado desde então, enclausurado em uma noite perpétua, como fatalmente acontecerá a você, mas evite o quanto puder apressar o prazo pela apatia ou vontade insidiosa de perdição, não seja o coveiro de você mesmo [...] Há muito ainda o que fazer para tomar do repouso e, você não sabe muito o que, nem por onde começar, desta mesma ignorância você retirará a força para agir [...] Coloque fim a isto tudo e reerga a cabeça, se ainda houver tempo para tanto.”

DES FORÊTS, L.-R. **Le bavard**. Paris: Gallimard, 1973.

_____. **Poèmes de Samuel Wood**. Paris: Fata Morgana, 1988.

_____. **Ostinato**. Paris: Gallimard, 1997.

_____. **Pas à pas jusqu'au dernier**. Paris: Gallimard, 2001.

_____. **Face à l'immémorable**. Paris: Fata Morgana, 2003a.

_____. **Voies et détours de la fiction**. Paris: Fata Morgana, 2003b.

QUIGNARD, P. **Le vœu de silence**: essai sur Louis-René des Forêts. Paris: Mercure de France, 2005.

Recebido em 31/10/2014

Aceito para publicação em 17/06/2015

